

Aldenor da Silva Ferreira

A VERDADE QUE CONDENA

A igreja cristã brasileira e a política



A VERDADE QUE CONDENA

A igreja cristã brasileira
e a política

© Alexa Cultural

Direção

Gladys Corcione Amaro Langermans
Nathasha Amaro Langermans

Editor

Karel Langermans

Capa

Gilmal

Editoração Eletrônica

Alexa Cultural

Revisão da Língua Portuguesa

Marisa Aparecida Italo de Lucia Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FERREIRA, Aldenor da Silva

A verdade que condena: a igreja cristã brasileira e a política. Aldenor da Silva Ferreira, Alexa Cultural: Embu das Artes/SP, 2025.

14x21cm - 67 pgs - E-book em PDF

ISBN - 978-85-5467-511-0

1. Ciências Sociais - 2. Política - 3. Igreja Cristã - 4. Cristianismo -
Brasil - I - Sumário - II Bibliografia

CDD - 300 / 320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Sociais
2. Política
3. Cristianismo

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610
É terminantemente proibida a reprodução parcial ou integral do conteúdo desta obra sem a
prévia autorização do autor e/ou editora.

O conteúdo dos textos não necessariamente refletem a opinião desta editora.

Alexa Cultural Ltda

Rua Henrique Franchini, 256

Embu das Artes/SP - CEP: 06844-140

alexa@alexacultural.com.br

alexacultural@terra.com.br

www.alexacultural.com.br

www.alexaloja.com

Aldenor da Silva Ferreira

A VERDADE QUE CONDENA

A igreja cristã brasileira
e a política

Apoio:



Realização:

ALEXA

Embu das Artes - SP
2025

“A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo”. (Marx, 2010)

PREFÁCIO

O Brasil tem mais igrejas do que escolas e hospitais. Dados do Censo 2022, divulgados pelo IBGE, mostram que o país tem 580 mil estabelecimentos religiosos (de todos os tipos); já o número de instituições de ensino é de 264 mil, e de unidades de saúde, 248 mil. São 286 igrejas para cada 100 mil habitantes. Esse aumento se deu com um vertiginoso crescimento das ordens evangélicas. Entre 2000 e 2010, o número de evangélicos aumentou de 26,2 milhões para 42,3 milhões, elevando sua proporção na população de 15,5% para 22,2%. Em 1980, representavam pouco mais de 6%.

Trata-se de um fenômeno cujo objeto envolve mais do que uma opção diversificada pela fé. Nesse crescimento, é possível também perceber o declínio do catolicismo que, em 1991, representava 83% dos brasileiros e, em 2000, 73%. A igreja católica perdeu 10% do seu rebanho em apenas 10 anos, enquanto as igrejas evangélicas arrebanharam 42 milhões de pessoas de 2000 a 2010. O fato é que um em cada três brasileiros adultos se declara evangélico.

Esses são alguns números para contextualizar a nova realidade religiosa do país. Não se trata de estimular uma guerra de posição entre católicos e evangélicos, mas de destacar, em particular, o crescimento de uma ordem: o neopentecostalismo. Nas últimas décadas do século XX, o neopentecostalismo surge como um movimento renovador das igrejas pentecostais. O ascetismo religioso e a fé num bem-viver celestial foram substituídos pela crença de uma vida próspera e mundana não mais na pós vida. Criou-se uma forte doutrina baseada na Teologia da Prosperidade e na Teologia do Domínio.

Com a Teologia da Prosperidade, o neopentecostalismo conseguiu arrebanhar multidões de desesperados, gente da base piramidal da sociedade, desempregados, trabalhadores assalariados, mães solas, desesperançados e marginalizados. A riqueza e a melhoria de vida são desejos de Deus; no entanto, é preciso ter fé e uma grana a ser doada para a igreja. Uma es-

tratégia foi montada para alcançar esse rebanho: os meios de comunicação de massas.

A outra teologia, a do Domínio, colocou o neopentecostalismo em todos os campos de disputa da sociedade através da dicotomia bem *versus* mal, Deus *versus* Diabo. Tudo que não é seu é o mal. Aquilo que não representar os interesses de poder da igreja deve ser combatido e defenestrado. Uma Guerra Santa é criada e todos os espaços sociais e políticos devem ser conquistados em nome de Deus e, assim, um novo mundo surgirá sobre a total dominação do Senhor. Embalados por essa onda mundana, as igrejas neopentecostais passam a interferir em todas as áreas da sociedade, criando bancadas parlamentares em todas as esferas de poder, disputando Conselhos Tutelares, eleições comunitárias, entidades estudantis etc.

É nesse contexto que o sociólogo e professor doutor da Universidade Federal de São Carlos, Aldenor Ferreira, estudioso da questão religiosa, resolveu entrar no debate sobre esse novo fenômeno religioso no Brasil. E ele o faz sem desviar o foco político do problema. Em *A VERDADE QUE CONDENA: a igreja cristã brasileira e a política*, Aldenor revela o neopentecostalismo como braço forte da extrema direita brasileira. O autor afirma: “o que temos hoje, no Brasil, salvo as exceções, não é mais uma igreja evangélica com liturgia e teologia fiel ao texto bíblico, fundamentalmente, ao Novo Testamento, mas, sim, igrejas com liturgia e teologia inspiradas em princípios, valores e ideias de homens comuns. Infelizmente, parte das igrejas evangélicas passou a refletir a imagem e a semelhança de seus próprios líderes, homens avaros, autoritários, antidemocráticos e incultos à semelhança de Jair Bolsonaro. Ou seja, homens completamente despreparados para o exercício do sacerdócio”.

É essa inquietação com o desvio de fé do neopentecostalismo que leva o sociólogo a mergulhar com profundidade crítica na questão. Há um projeto político por trás da fala convincente do pastor, mas se trata de um projeto maléfico para a humanidade, ao resgatar valores medievais de condenação moral. Não se está falando mais para dentro do

templo. A fala é para fora, é para perseguir outras religiões, principalmente as de matrizes africanas, movimentos sociais como os LGBTQIA+, a arte, a cultura e colocar sob suspeita a própria democracia. Aldenor, acertadamente, vaticina: “trata-se de uma parcela da sociedade que odeia a cultura e suas manifestações, a saber: a arte, a poesia, a música, a literatura, o teatro, o cinema, rejeitando assim tudo aquilo que nos torna sensível, que nos humaniza, que nos faz sair do estado de natureza e de barbárie. Então, eu pergunto: como poderá haver futuro para a nossa sociedade sem estes conhecimentos? A resposta é simples. Não haverá futuro!”.

Aldenor segue desmanchando as bases nefastas da doutrina neopentecostal, rechaçando teologicamente as contradições que envolvem essa ordem, mais política do que religiosa. A militância ordinária das igrejas nas duas campanhas de Jair Bolsonaro revelou o perigo que se esconde por trás do avanço dessa corrente evangélica no Brasil. Vale a pena ler o livro *A VERDADE QUE CONDENA: a igreja cristã brasileira e a política*. Estamos diante de um debate inadiável e imprescindível para entender a conjuntura e o futuro do Brasil. Volto a dizer: não se trata de uma Guerra Santa a favor ou contra o evangelismo, mas do entendimento do que poderá vir pela frente. A extrema direita encontrou sua base ideológica e sua práxis. Isso representa grande risco para a humanidade.

Lúcio Carril
Manaus, 20 de novembro de 2024.

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Apresentação.....	11
Lula e o pecado dos cristãos.....	14
Substituição da política pela teologia.....	16
“A religião é o ópio do povo”.....	18
Um espectro das trevas.....	21
A vitória de Anás e Caifás.....	24
Jesus Cristo 3 x 0 Cristãos.....	26
Coronelismo, igreja e voto.....	28
Em defesa dos interesses do diabo.....	31
O vírus do neopentecostalismo.....	33
Manaus, uma cidade doente.....	35
A verdade que condena.....	40
A besta que emerge da terra.....	43
O efeito Bolsonaro e os “desigrejados”.....	46
A derrota dos profetas de Baal.....	49
Por que a oração não foi ouvida?.....	52

A era dos pastores mentirosos	55
Uma decepção presbiteriana	56
A hipocrisia da Baby do Brasil.....	59
A “solução final” de Israel.....	61
Referências.....	63

APRESENTAÇÃO

Reúno neste livro textos que escrevi em minha coluna semanal no site BNC/Amazonas, cujo tema foi a Igreja Cristã Brasileira, os desvios teológicos e morais de seus líderes, bem como sua promíscua relação com a política partidária do nosso país no último quadriênio presidencial.

Com a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, fato que contou com a participação direta e decisiva de parte considerada dos evangélicos brasileiros, este segmento pôde, finalmente, ainda que em parte, ver seu sonho se realizar: participar ativamente dos espaços decisórios do poder. Com efeito, ao menos para mim, eles entraram no processo de forma rebaixada, fazendo concessões, relativizando conceitos e doutrinas, mudando verdades incontestes do texto bíblico, adulterando, desta forma, o Evangelho de Cristo.

Neste sentido, o que temos hoje no Brasil, salvo as exceções, não é mais uma igreja cristã com liturgia e teologia fiel ao texto bíblico, fundamentalmente, ao Novo Testamento, mas, sim, igrejas com liturgia e teologia inspiradas em princípios, valores e ideias de homens comuns. Infelizmente, parte das igrejas católicas e evangélicas passaram a refletir a imagem e a semelhança de seus próprios líderes, homens avarentos, autoritários, antidemocráticos e incultos à semelhança de Jair Bolsonaro. Ou seja, homens completamente despreparados para o exercício do sacerdócio.

Com efeito, o que está por trás do apoio a Jair Bolsonaro de parte do segmento evangélico e católico brasileiro, mesmo depois de sua derrota, não é propriamente o desejo de construir uma república próspera, democrática e plural. Não mesmo. O que está por trás da entrada, de corpo e alma, de parte do segmento cristão brasileiro na política partidária, o que os direciona e os move são os princípios doutrinários da Teologia do Domínio. Sob orientação teórica e prática desta teologia, o que os católicos e evangélicos apoiadores de Bolsonaro querem é poder político para fazer a transição de um Estado laico para um Esta-

do teocrático.

A Teologia do Domínio é uma engenharia social para a tomada do poder político. Trata-se de uma hermenêutica e uma exegese fraudulenta do texto bíblico. Seus defensores e praticantes procuram resgatar passagens bíblicas de triunfo, domínio e poder divino. Eles procuram, também, resgatar fases de triunfos de personagens importantes como o Rei Davi. O Davi da Teologia do Domínio é o conquistador, o que aniquila e esmaga os seus inimigos. Ele é um rei próspero, ao qual Deus disse: *“Davi, filho de Jessé, é um homem segundo o meu coração; fará tudo que for da minha vontade”* (Atos 13:22-23). Todavia, o que a Teologia do Domínio esconde é que Davi alcançou este status não por conta de suas conquistas e glórias, mas pelo sincero arrependimento. Mas esta parte não é interessante para abalzar o argumento do domínio.

Ademais, no que tange ao poder político, no sentido de Estado e governo, a passagem de Mateus 22:21 é emblemática. Nela, Jesus declara: *“dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”*. Ou seja, o Cristo está afirmando categoricamente que o Estado enquanto ente político e jurídico deve existir e é legítimo que todo o seu ordenamento legal seja respeitado.

Outro ponto de destaque desta passagem é que Jesus está indicando que a submissão ao governo humano é também submissão a Deus, pois a existência e o poder do Estado e seus governos são permissões divinas. Isto está bem claro em João 19:11, quando Jesus, levado a julgamento, diante de Pôncio Pilatos, governador da província da Judeia, declara: *“nenhuma autoridade terias sobre mim, se do Alto não te fosse dada”*. Portanto, uma rebelião contra as autoridades governamentais, contra o Estado, é uma rebelião contra a autoridade de Deus, pois, no limite, toda autoridade é constituída por Deus.

Todavia, para a Teologia do Domínio não deve haver submissão alguma. Pelo contrário, o Estado e o governo devem ser tomados. Como a própria definição do termo já adianta, eles não querem submissão nem laicização do Estado, querem o domínio completo de tudo. Na visão deles tudo é de Deus e, por extensão, de seus filhos. Em outras palavras, Deus é o

Estado e o Estado é Deus. Aqueles que não comungarem desta visão, caso não se convertam, se tornarão inimigos de Deus, serão considerados párias, serão perseguidos e destruídos.

É contra isto que todos os democratas e republicanos devem se insurgir, afinal, trata-se de uma teologia medieval. Um projeto político-religioso nefasto, que coloca em xeque todas as conquistas civilizacionais e democráticas do Ocidente. E, pior ainda, é um projeto capitaneado por líderes religiosos de conduta rebaixada e reprovável. No Brasil, e mesmo fora dele, abundam escândalos de pastores e demais líderes evangélicos envolvidos em toda sorte de crimes, fundamentalmente, os crimes de natureza sexual.

É esta turba que adentrou os espaços da política em todos os níveis no Brasil. As câmaras de vereadores e as assembleias estaduais são, hoje, dominadas por parlamentares evangélicos, a maioria pentecostal e neopentecostal adeptos da Teologia do Domínio. O segmento também tem grande representatividade no parlamento federal, com deputados e senadores ajudando a solapar as bases do Estado Democrático de Direito Laico para impor, pela força e pela violência, um Estado Teocrático. Não é exagero nem força de expressão, mas o Brasil já se encontra às margens do rio da Teocracia. Caso não haja resistência qualificada, propositiva e democrática, a travessia poderá ocorrer já nas próximas eleições presidenciais em 2026.

É contra esta teologia nefasta, contra este projeto político-religioso medieval que, humildemente, nos insurgimos neste livro. A verdade que condena está registrada em textos com reflexões curtas e diretas, onde criticamos e denunciamos a promiscuidade teológica e política que tomou conta de parte considerada das igrejas evangélicas e católicas no Brasil.

Com efeito, é importante dizer que o compromisso do fiel para com Cristo não é abalado em nenhum momento pela separação Igreja-Estado. Não há nulidades nem conflitos entre a fé em Jesus e o exercício da cidadania e da participação política. Neste sentido, o Estado laico é o modelo político ideal para a convivência pacífica de evangélicos, não evangélicos, ateus, bem como de todos aqueles que professam outras religiões.

LULA E O PECADO DOS CRISTÃOS

Na semana em que o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, teve que se submeter a duas cirurgias na cabeça, uma parte de pseudocristãos, católicos e evangélicos, comemorou a possibilidade de sua morte.

Essa atitude deplorável, atroz e insana deve ser condenada em todos os níveis. Ela é vergonhosa para qualquer ser humano, independentemente de sua religião. Porém, quando se trata de cristianismo, católico ou evangélico, a situação se agrava. Por quê? Porque esses grupos têm, em seu livro sagrado, uma determinação expressa de orar pelas autoridades constituídas.

Em 1 Timóteo 2:1-2, o apóstolo Paulo, sistematizador do Novo Testamento, escreve:

antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade.

Veja, caro(a) leitor(a), o apóstolo chama a atenção para o propósito dessa ação. Orar pelas autoridades constituídas passa a necessidade de se alcançar uma vida pacífica, uma vida piedosa e digna. Isso está de acordo com outro texto do evangelho de Cristo. Em Mateus 5:5 Jesus declara: “bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”.

A exortação do Mestre é para a mansidão, e não para o ódio, a vingança, a perseguição ou eliminação de seus inimigos. Até em relação a estes, Jesus orienta para a intercessão e o amor. Veja o que diz o texto de Mateus 5: 43-45:

vocês ouviram o que foi dito: ame o seu próximo e odeie o seu inimigo. Mas eu digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus.

Isto posto, precisamos refletir acerca dos caminhos que alguns cristãos, católicos e evangélicos, tomaram fundamen-

talmente a partir de 2018. De lá para cá, eles passaram a amar certas autoridades e a odiar outras. Todavia, como demonstrei em alguns versículos – e há outros –, o ódio e o desrespeito pelas autoridades não fazem parte do evangelho.

Ademais, a própria Bíblia, em Romanos 13:1-2, deixa bem claro de onde procedem as autoridades. Vejamos:

todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se opondo contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmo”.

O texto de Romanos, escrito pelo apóstolo Paulo, não deixa dúvidas. Trata-se de uma sentença clara. Não há escapatória: aquele que se rebela contra a autoridade se rebela contra Deus. Como mencionado, desde 2018, é o que mais os pseudo-cristãos, católicos e evangélicos, fazem: rebelar-se. Estão todos em pecado, portanto.

Lula foi eleito democraticamente pela maioria dos(as) eleitores(as) brasileiros(as), assim como Bolsonaro também foi eleito democraticamente em 2018. Nesse contexto, a menos que os cristãos neguem o seu próprio livro, foi da vontade de Deus essas eleições. Do contrário, haveria enorme contradição entre Jesus e o seu livro.

Nesse sentido, cabe aos cristãos, católicos e evangélicos, obedecerem a Jesus e aos seus mandamentos. Isso dá a eles a missão de orar pela pronta recuperação do presidente Lula, e não de desejar a sua morte.

Em resumo, os cristãos, católicos e evangélicos – ao menos uma parte deles – estão totalmente em desacordo com o que prega o seu próprio livro de fé e prática. Estão em rebelião contra o seu Deus, visto que a Bíblia é considerada a palavra de Deus materializada. Não estão seguindo os seus mandamentos e estão amando mais homens pecadores do que seu próprio Deus.

Como foi demonstrado aqui, biblicamente, é proibido ao cristão desejar a morte de alguém, assim como é seu dever orar pelas autoridades constituídas. Ponto!

A SUBSTITUIÇÃO DA POLÍTICA PELA TEOLOGIA

O Brasil vive um momento perigoso, no qual a teologia toma, cada vez mais, o espaço da política. Isto pode ser verificado, por exemplo, no comportamento dos eleitores de Jair Bolsonaro. Estes não se comportam propriamente como eleitores, mas, sim, como devotos seguidores de um santo.

Para os bolsonaristas, o Jair não é um simples político, mas um “Messias”. O que os orienta e os move, portanto, não é propriamente a política, mas a teologia. Neste sentido, penso eu, a promoção de uma política de aproximação e conciliação com bolsonaristas terá pouca chance de êxito.

A questão central é que, para nosso azar, ocorreu no Brasil a fusão do nosso antigo e persistente ódio de classe com a Teologia do Domínio. Uma fusão diabólica. Em um país de pouquíssima tradição democrática, que viveu mais de 350 anos de escravidão, esta fusão ainda trará muitos problemas para seus habitantes.

Trará muito mais problemas, porque com o recrudescimento da teologia no cotidiano o comportamento e as ações das pessoas deixam de ser guiados pelos desdobramentos da ação política ou pelo êxito do governo na condução da economia, por exemplo. As ações passam, agora, a ser tomadas por aquilo que a religião determina.

É neste contexto que temos que analisar como Bolsonaro se tornou um mito, um predestinado, uma espécie de “Messias” para uma parcela da população brasileira. Ele, por si só, jamais alcançaria este status. Todos nós sabemos que ele sempre foi um incompetente. Ocorre que ele foi alçado a esta condição por pastores e demais líderes religiosos de grande vulto no Brasil, que são adeptos e propagadores da Teologia do Domínio.

Bolsonaro, portanto, passou a ser uma profecia a se cumprir no país com a ajuda destes líderes. A Teologia do Domínio era o amálgama que faltava para a consolidação de um projeto de tomada do poder extremamente sofisticado.

O único problema, por enquanto, foi que a pessoa escolhida para essa missão, Bolsonaro no caso, foi incompetente demais e não logrou êxito em suas ações nefastas. Com efeito, o projeto de substituição da política pela teologia, da democracia pela teocracia, permanece mais vivo do que nunca. Portanto, ao menos para mim, não há como ter conciliação com esta parcela da população que está teologicamente influenciada pelas ideias de dominação. Eles não querem. Não aceitarão.

A Teologia do Domínio não preconiza a convivência de contrários, da pluralidade e da diversidade. Pelo contrário, a questão norteadora é o binarismo “eles” e “nós”, sendo o “eles” sinônimo de infiéis, de inimigos que precisam ser convertidos ou eliminados.

Concluo, afirmando que, democraticamente e de forma republicana, é preciso frear o avanço da Teologia do Domínio na política. Se é que isto ainda será possível. Para tanto, é preciso que bons nomes, de todos os segmentos da sociedade nacional, entrem para a política e ajudem a preservar o Estado laico, democrático e republicano.

A história mostra que a substituição da política pela teologia nunca trouxe benefícios para a humanidade. Ao contrário, condenou o Ocidente a mil anos de escuridão (Idade das Trevas, do século V ao XV) e atrasou o avanço da ciência, de igual forma, por mil anos.

Precisamos reagir!

“A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO”

“A religião é o ópio do povo”. Esta frase é, sem dúvida, uma das mais famosas de Karl Marx. Está registrada no texto *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrito entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844. Tomando como referência o Brasil, escrevo, hoje, para reafirmar a atualidade desta frase síntese.

Com efeito, antes de prosseguir, faz-se necessário entender o que Marx quis dizer com a frase, que aparece na introdução do texto supracitado. O contexto da frase é o seguinte:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo (Marx, 2010, p. 145).

A religião é o ópio, porque, assim como a droga, ela tem o poder de entorpecer, de narcotizar o sujeito, alienando-o a ponto de fazê-lo ignorar e suportar situações de miséria, de exploração e de submissão à vontade de outrem, por entender que se trata de algo sobrenatural/divino e não fruto de um processo material e histórico. Na verdade, a miséria não tem nada de divino. Trata-se de uma condição produzida materialmente.

O ópio possui substâncias que deprimem o sistema nervoso central. Agindo de maneira lenta, proporciona a diminuição da dor a partir do entorpecimento. Neste sentido, de forma análoga, a religião tem a função de entorpecer e de alienar mentes e corações de homens e mulheres para que não vejam e não entendam as origens históricas de sua condição. Segundo a filósofa política Hannah Arendt, “o trabalho é condição humana”. A religião, portanto, não é.

Neste sentido, não entender as origens materiais de uma vida miserável, precária e desprovida de sentido é não entender que “a história da humanidade é a história da luta de classes” (MARX, 1996, p 1). Esta condição é fundamental para a dominação burguesa. Uma dominação, entretanto, que seria

impossível de ocorrer apenas pelo “monopólio do uso legítimo da violência física”, para citar, aqui, uma passagem famosa de Max Weber sobre o que é o Estado.

Em uma sociedade cada vez mais marcada por discrepâncias abissais que, por conta disto, se constitui a cada dia em uma espécie de barril de pólvoras à espera de uma única centelha, como manter a dominação? A resposta é simples: pela dominação ideológica. Neste caso, a religião assume papel preponderante, constituindo-se em um dos principais instrumentos da dominação ideológica burguesa.

A religião, desde a sua origem, e até agora, sempre foi o principal instrumento de manutenção do poder. Ela sempre esteve ao lado dos poderosos e dos opressores, pregando obediência, servidão, mansidão, renúncia ascética apenas para o rebanho, enquanto os seus líderes gozam de riqueza, fama e poder.

Temos diante de nós o caso brasileiro para exemplificar. É só verificar de qual lado ficaram os cristãos, católicos e protestantes brasileiros, salvo raríssimas exceções, nas últimas eleições. A maioria ficou do lado de Jair Bolsonaro, o candidato cujo projeto de país mostrava claramente a defesa dos interesses dos ricos e poderosos e o massacre da classe trabalhadora.

Neste âmbito, o papel dos líderes religiosos brasileiros, grandes e pequenos, todos eles porta-vozes dos interesses da burguesia, é anestesiar o povo e, desta forma, manter as coisas exatamente como elas são e estão. A cada sermão de domingo “doses cavalares de ópio” são injetadas nos fiéis. São estas doses que projetam no indivíduo a ideia de uma vida gloriosa em outro reino, que atestam que os dissabores de uma vida miserável neste mundo serão compensados por algo sublime, inigualável e inimaginável no reino do porvir.

Desta forma, a consciência-de-si da classe-que-vive-do-trabalho (Antunes, 2013) é impedida de nascer e de florescer. Elimina-se ou reduz-se, com isto, qualquer possibilidade de revolta, de protesto, de emancipação e de revolução.

Ademais, o papel do ópio/religião é fazer a dor do corpo (fome e miséria) e da alma (angústia e depressão) passar, mes-

mo que momentaneamente. É fazer a desesperança se transformar em esperança no porvir. Neste sentido, Marx está absolutamente correto: *“a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração [...] Ela é o ópio do povo”*.

UM ESPECTRO DAS TREVAS

Recentemente, eu li uma matéria na imprensa cuja manchete trazia os seguintes dizeres: “diretora mostra escultura de David a alunos, é acusada de atitude ‘pornográfica’ e perde emprego”. O caso ocorreu em uma escola da Flórida, Estados Unidos e, sem dúvida, é a materialização do retorno das trevas naquele país.

De acordo com a reportagem, para a exibição de obras de arte clássicas na escola, como a estátua de David, esculpida por Michelangelo no século XVI e que mostra o seu corpo nu, é preciso autorização prévia do Conselho da escola. Com efeito, devido à falha na comunicação entre o pedido e a autorização do mesmo criou-se uma situação constrangedora na escola, fato que resultou na demissão da professora.

Caro(a) leitor(a), não resta a menor dúvida de que estamos diante do teatro do absurdo. Este episódio traz à tona uma lista quase interminável de absurdos, sendo o primeiro deles o local do acontecimento. Não se trata de qualquer país, mas dos Estados Unidos. Um país com enorme contribuição para a humanidade no campo da literatura, do teatro, do cinema, da música, da ciência de um modo geral, mas que nos últimos anos vem sucumbindo ao reacionarismo, ao nacionalismo ta-canho baseado em uma moral pseudocristã surgida do esgoto.

O segundo absurdo foi a demissão da professora, que estava apenas cumprindo o seu papel de educar. Ela, provavelmente, estava falando do Renascimento, movimento cultural, arquitetônico, político e econômico que trouxe a luz do conhecimento da Antiguidade Clássica ao continente europeu, submerso nas trevas da ignorância e da religiosidade há mais de mil anos.

Para mim, é o Renascimento que lança as bases para o estabelecimento de uma nova cultura na Europa, fato que irá culminar no Iluminismo e, conseqüentemente, na Modernidade. Com efeito, à medida que a “segunda modernidade” avança, para utilizar aqui a definição de Ulrich Beck, ou a “alta

modernidade” se consolida, conforme o conceito de Anthony Giddens, contraditoriamente, irracionalmente, illogicamente, como se fora uma maldição, o obscurantismo, a idiotia, o reacionarismo, a alienação religiosa também avançam.

Giddens já lecionou sobre “as consequências da modernidade”, Beck já alertou para o fim da sociedade industrial e a sua substituição por uma “sociedade de risco”. De fato, estamos diante de um enorme retrocesso civilizatório, no qual todas as conquistas do Iluminismo estão se esvaindo tão rapidamente que talvez nem tenhamos mais tempo de reconquistá-las.

Não resta dúvida de que o mundo ocidental tem caminhado a passos largos para as trevas, afinal, em que mundo ou em que momento eu ou você proibiríamos uma professora de expor uma obra de arte clássica, confeccionada por um artista genial que, com a sua arte, revolucionou o seu tempo? Paradoxalmente, o século XXI. E, pior, em um país que foi fundado sob a égide da liberdade. Com efeito, não é só nos Estados Unidos que tem idiotas que odeiam tudo o que é belo. No Brasil também tem, aliás, o país todo está cheio deles.

Trata-se de uma parcela da sociedade que odeia a cultura e suas manifestações, a saber: a arte, a poesia, a música, a literatura, o teatro, o cinema, rejeitando assim tudo aquilo que nos torna sensível, que nos humaniza, que nos faz sair do estado de natureza e de barbárie. Então, eu pergunto: como poderá haver futuro para a nossa sociedade sem estes conhecimentos? A resposta é simples. Não haverá futuro!

Uma sociedade que proíbe a visualização de uma obra de arte clássica em uma escola – espaço onde se dá a gênese da socialização humana –, já está falida, condenada ao caos e à barbárie. De igual forma, uma sociedade que censura livros em uma Bienal do Livro, como ocorreu no Rio de Janeiro em 2019, quando um gibi da Marvel, que trazia uma cena de beijo entre dois homens, foi censurado, também já está com os pés na barbárie. Entendo ser salutar a discordância, mas, jamais, posso admitir a censura.

Concluo, parafraseando Marx e Engels, e afirmo: um espectro ronda o mundo ocidental, quisera eu que fosse realmen-

te o espectro do comunismo, mas, infelizmente, não é. Trata-se do espectro do reacionarismo, do falso moralismo cristão, carregado de mentira, de obscurantismo, de ódio à cultura e a tudo aquilo que remete ao belo.

Precisamos reagir!

A VITÓRIA DE ANÁS E CAIFÁS

Anás e Caifás eram sumos sacerdotes no período em que Jesus Cristo foi crucificado. Foram eles os responsáveis por selar o destino do Mestre ao entregá-lo aos romanos.

De acordo com o evangelho de João, Jesus é levado primeiramente a Anás, por ele ser sogro de Caifás. Anás, mesmo não estando mais no posto de sumo sacerdote, ainda era tido como tal por alguns judeus e gozava, portanto, de enorme prestígio. Com efeito, o sacerdote Caifás, de fato, era seu genro. Foi ele que conspirou para que Jesus fosse entregue aos romanos. João nos esclarece sobre isto ao registrar as seguintes palavras:

E um deles, chamado Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: vós nada sabeis, nem considerais que nos convém que um só homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação (João 11:49-50).

Mais adiante, no versículo 53, João registra que *“desde aquela dia, pois, consultavam-se para matarem Jesus”*. Este preâmbulo tem por objetivo situar o(a) leitor(a) acerca da reflexão que farei daqui em diante.

Dentre outras coisas que não mencionarei aqui, a insurreição e posterior morte de Jesus na cruz teve por objetivo romper com o sistema religioso judaico. Um sistema apodrecido, corrompido, extremamente elitista e perverso. Neste sentido, todo o ministério de Jesus é marcado pela ácida crítica ao sistema do Templo, ou seja, à política e à burocracia do Estado judeu daquele momento.

Neste contexto, não custa lembrar que a única vez que Jesus usa de violência em todo o seu ministério é justamente no Templo contra vendedores e cambistas. O Mestre faz uma corda e se insurge dando chicotadas e tombando as mesas daqueles que faziam da casa de seu pai um comércio mundano e profano.

Caro(a) leitor(a), não resta a menor dúvida de que Jesus faria a mesma coisa hoje. Certamente, ao visitar alguns templos religiosos destes tempos hodiernos em nosso país, o Mestre iria

se indignar da mesma forma, pois há pouca diferença entre o que ocorre em uma parte considerada das igrejas cristãs brasileiras atualmente e o que ocorria no antigo Templo judeu em Jerusalém.

Ao entregarem Jesus aos romanos, Anás e Caifás se banham em luz. Apesar de ser uma glória momentânea, trata-se de uma vitória do mal. Dito isto, afirmo eu, a Igreja Cristã Brasileira, ao colocar elementos do judaísmo em sua liturgia, ao retomar rituais, costumes e práticas religiosas amplamente combatidas por Jesus, está crucificando o Mestre novamente.

Em tempo, o abandono de Cristo e de tudo aquilo que ele pregou e pelo que lutou, bem como o retorno ao sistema judaico, principalmente por parte dos neopentecostais no Brasil e no exterior, é a segunda morte de Cristo. É como se o seu sacrifício na cruz não tivesse valido nada. Portanto, qualquer retorno, material ou simbólico, ao Velho Testamento é uma adulteração, uma prostituição do Evangelho de Cristo. Jesus propôs uma nova aliança, um novo acordo com a humanidade. Um pacto baseado no amor, na justiça e na paz.

É terrivelmente retrógrado este movimento em direção à teologia do Velho Testamento. A tal Teologia do Domínio é um caminhar para o cativeiro, para as trevas de onde Cristo, com seu sacrifício, tirou os povos. Ainda, é dar a vitória ao sistema religioso corrupto e apodrecido do Templo. É, portanto, dar a vitória a Anás e a Caifás, os algozes de Jesus.

JESUS CRISTO 3 X 0 CRISTÃOS

Eu conheço bem o Evangelho de Cristo. E, por conhecer este Evangelho, sei o porquê d'Ele não dar respostas às orações da maioria dos evangélicos e católicos brasileiros, no que tange às suas causas políticas.

Com efeito, antes de prosseguir, é necessário relembrar as três principais orações feitas por esta turba de malfeitores, salvo, claro, as exceções. A primeira diz respeito à eleição. No meio evangélico e católico também houve jejum, clamor, vigília para que Bolsonaro fosse eleito em 2022.

Todavia, Bolsonaro foi derrotado. Ou seja, a oração, o jejum, o clamor, a vigília foram ouvidos por Jesus, mas não foram respondidos como os evangélicos e católicos queriam. Se eles fossem cristãos de verdade, já teriam parado neste ponto, afinal, Deus/Jesus é soberano e não há nada que possa frustrar os seus planos. Vejamos: *“Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado”* (Jó 42:2).

Neste sentido, a derrota de Bolsonaro já é por si só uma prova clara de que Deus/Jesus assim o quis. É a sua vontade materializada. O texto de Jó deixa muito claro que não é possível os planos de Deus se frustrarem. Todavia, não satisfeitos com a primeira resposta/derrota, parte considerada dos católicos e evangélicos, liderados por pastores e padres estelionatários, partiu para o segundo pleito. Eles passaram a orar por intervenção militar e por um golpe de Estado. Então, veio o dia 8 de janeiro de 2023 e a depredação do patrimônio público foi realizada sob clima de orações e cânticos de vitória.

Novamente, do alto de sua glória, Deus/Jesus disse não a eles. As orações não foram atendidas, o golpe de Estado fracassou e mais de mil manifestantes foram presos. Com esta segunda derrota, eles deveriam ter parado. Eu pararia. Mas eles não pararam. O ódio que os move é maior que o amor que eles dizem ter e que pregam.

Na sequência, o alvo do ódio gratuito passou a ser o Senador e então Ministro da Justiça Flávio Dino. A indicação de

Dino para o Supremo Tribunal Federal (STF) inaugurou mais uma campanha de jejum, clamor e vigília. O pedido, dessa vez, era para que Dino não fosse escolhido e, pior, para que fosse humilhado no Senado.

Novamente, não foram ouvidos. Dino foi confirmado pelo Senado à vaga no STF. Contudo, a perseguição e o desrespeito ao ministro é a prova cabal de que parte dos evangélicos não lê a Bíblia. Lá está escrito que toda autoridade é constituída por Deus. Vejamos:

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se opondo contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos (Romanos 13:1-2).

Nesta mensagem, não cabe interpretação, não há hermenêutica ou exegese que possa mudar seu conteúdo. Está bem claro: *“não há autoridade que não venha de Deus”*. Portanto, mais uma vez, parte dos evangélicos descumpriu os mandamentos das Sagradas Escrituras e desonrou o Senhor.

Como eu disse, sei bem o porquê de Jesus Cristo não responder às três principais orações feitas por uma parte considerada dos católicos e evangélicos brasileiros nos últimos anos. A resposta é simples. Todos sabem ou deveriam saber. Está na própria Escritura. Vejamos:

Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; os seus ensinamentos não passam de mandamentos ensinados por homens (Mateus 15:8).

Nesta passagem, registrada por Mateus, Jesus, como um mestre sábio e profundo conhecedor das Escrituras, estava simplesmente citando o profeta Isaías e mostrando para aquele povo a falta de conhecimento e a hipocrisia deles.

A cena dos dias atuais é a mesma. Jesus continua falando, agora não mais presencialmente, mas por meio de textos. Caso os evangélicos não retornem às Sagradas Escrituras, continuarão a ser humilhados pelo Senhor. Por enquanto, está assim: Jesus 3x0 crisãos, para a vergonha deles.

CORONELISMO, IGREJA E VOTO

Em seu livro *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1948, Victor Nunes Leal analisa os fatores políticos, econômicos e sociais do Brasil na primeira metade do século XX, procurando identificar o jogo político hierarquizado da relação entre os poderes da República: governo federal, governos dos estados e governos dos municípios.

Para ele, “o coronelismo é, sobretudo, um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente, dos senhores de terras”. Complementando, ele vai dizer que não é possível compreender o fenômeno sem referência à estrutura agrária brasileira, “que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil”.

Noutras palavras, no período analisado pelo autor, o coronelismo se referia, fundamentalmente, ao poder de barganha dos grandes proprietários de terras – os coronéis. Isso permitia a esses senhores cobrar de pessoas simples, mediante coação, certo número de votos em favor de determinado candidato.

A base de sustentação desse poder eleitoral e dessa autonomia era, e ainda é, em muitos contextos regionais do Brasil profundo, a estrutura fundiária. Ou seja, o poder do coronel vinha e ainda vem diretamente de suas posses e das relações não republicanas com os poderes políticos nas esferas federal, estadual e municipal.

Feitas estas considerações, estabeleço uma analogia da figura do coronel, analisada por Vitor Nunes Leal, com a figura dos pastores, líderes das grandes denominações evangélicas brasileiras, atualmente.

O coronelismo, como apontado por Leal, perdeu força diante do processo de modernização da sociedade brasileira e de sua crescente urbanização. Todavia, praticamente, nos mesmos moldes surgiram novos “coronéis”, verdadeiros mercado-

res da fé cristã. Ainda que não sejam grandes latifundiários – não que saibamos, pelo menos – são donos de grandes igrejas, verdadeiras franquias de comercialização da fé.

Antes, restritos basicamente aos circuitos de suas igrejas e com pouca influência nos meios políticos, os “coronéis da fé”, pastores, bispos e apóstolos, todos neopentecostais, hoje são donos de canais de rádio e televisão, portais de Internet, editoras, jornais e revistas.

A vitória de Jair Bolsonaro em 2018, em grande medida, ocorreu graças à ação dos “coronéis da fé”. Eles também contribuíram diretamente para a sustentação do governo do “Messias” com cargos importantes, até mesmo ministérios como o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o Ministério da Educação.

Neste novo coronelismo, ou seja, o coronelismo cristão neopentecostal, o que muda é a base de sustentação do poder. A base principal não é mais a posse de terras, mas a igreja, seus milhões de membros e todo o poder midiático e político ameaçado ao longo das últimas décadas no país.

Outro ponto de importante destaque é que o novo coronelismo é um fenômeno eminentemente urbano, enquanto o outro era rural. De qualquer modo, mantêm-se as relações não republicanas, a barganha, os interesses escusos e a coerção dos eleitores. É importante mencionar, ainda, que o segmento evangélico cresceu bastante nos últimos anos no Brasil e, de acordo com o IBGE, atingiu o patamar de 31% da população brasileira, o que equivale a 65,4 milhões de pessoas.

A partir do retorno promíscuo das relações entre Igreja e Estado, principalmente a partir de 2018, o poder dos “coronéis da fé” se ampliou sobremaneira no país. Hoje, praticamente, todos os candidatos a algum cargo eletivo, sejam eles de qualquer esfera, têm que “beijar a mão” do “pastor/bispo/apostolo coronel”, numa espécie de benção e de autorização para prosseguir.

Todavia, eu entendo que ainda que seja diferente do poder do coronel latifundiário, que tinha condições de coagir e reprimir fisicamente o eleitor sob a sua influência, dando-se

discursivamente, o poder dos coronéis da fé não deixa de ser tão nocivo quanto o original. Na verdade, eles só conseguem impor algum tipo de demanda eleitoral aos seus fiéis pelo estabelecimento de uma teologia do medo.

O discurso é de que o fiel será amaldiçoado pelo sacerdote caso não o obedeça, o que é uma tremenda enganação, pois a teologia cristã, a verdadeira, não apoia causas ilegítimas. Isto implica dizer que o fiel não tem que seguir seu líder se ele estiver errado ou pregar o oposto do que deveria. Portanto, apesar deste cenário sombrio de retorno da relação medieval da Igreja com o Estado, há esperança para os eleitores cristãos que estão vivendo sob o pesado julgo dos coronéis da fé.

Trata-se de uma esperança dada pela própria organização do processo eleitoral do Estado brasileiro, visto que a partir da Constituição Federal de 1988 houve a universalização do voto e a garantia de seu sigilo. A partir disto, não há como o coronel da fé ter controle total sobre as escolhas eleitorais de seus fiéis, o que acaba abrindo espaço para a resistência, para a desobediência.

Neste sentido, se você, caro(a) leitor(a) cristão(ã), está sendo coagido(a) pela liderança de sua igreja a votar em determinado candidato(a), saiba que o voto é livre e que você tem condições técnicas, dadas pela urna eletrônica, para exercer esta liberdade. Entenda que se estamos vivendo em um tempo de coronelismo, em que igreja e voto são tratados como uma coisa só, isto não pode continuar se dando com a sua anuência. Portanto, se você for realmente cristão, desobedeça já!

EM DEFESA DOS INTERESSES DO DIABO

Parte da sociedade brasileira foi tão adoecida nos últimos anos pelos discursos e ações de Jair Bolsonaro que vários segmentos se radicalizaram profundamente, dentre os quais o segmento evangélico, que foi o mais afetado. Salvo raríssimas exceções, os que se dizem evangélicos passaram a defender os interesses do Diabo e não o de Cristo, a quem dizem seguir.

As principais lideranças evangélicas, paradoxalmente, têm se posicionado contra o Projeto de Lei n.º 2.630, de 2020, conhecido como “PL das Fake News”, em tramitação no Congresso Nacional. De imediato, podemos dizer que esta posição é diametralmente oposta a todos os princípios éticos, morais e doutrinários basilares do verdadeiro Cristianismo.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que o termo *fake news* significa notícia falsa ou informação distorcida. Noutras palavras, é uma mentira disfarçada de notícia. Neste sentido, em hipótese alguma poderia haver o apoio de evangélicos a qualquer coisa que remetesse à falsidade, à mentira, à calúnia, à difamação, enfim, ao engano, pelo simples fato de que a Bíblia condena veementemente estas coisas.

A Bíblia – considerada pelo segmento evangélico como a única regra de fé e prática – não apenas condena o comportamento leviano, como ainda declara qual é a origem de toda a mentira, deixando claro quem é seu pai. Vejamos o que diz o Evangelho em João 8:44:

Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.

Não há como escapar da verdade contida neste texto. Nele, não há margem para interpretação, não há problema algum com a semântica, ele é literal. Neste sentido, como pode

alguém que se diz evangélico, seguidor fiel dos ensinamentos de Cristo e de sua palavra escrita, a Bíblia, ser contra um projeto que visa coibir e responsabilizar os criadores e divulgadores de mentiras na Internet? A resposta é simples. Não pode.

Porém, como citado no início deste texto, o país foi adoecido pelos discursos de Bolsonaro e seus seguidores. E isto aconteceu justamente por meio de *fake news* via redes sociais. Ou seja, grande parte dos evangélicos foi e continua sendo enganada. Neste sentido, ao ser contra o “PL das Fake News”, as lideranças evangélicas estão dizendo para os seus seguidores que mentira é algo tolerado pela Bíblia e por Cristo. Não, não é. Cristo é radicalmente contra a mentira e a fraude. Portanto, ao se colocarem em posição oposta ao texto sagrado, as lideranças evangélicas defendem os interesses da extrema direita neofascista.

Neste momento, paradoxalmente, os evangélicos, salvo doces e raras exceções, atuam para defender os interesses do Diabo e agem de forma injusta diante da verdade. De forma explícita, o que se percebe no comportamento deles é o discurso do ódio.

Para encerrar, deixo aqui um alerta. Um alerta vindo do próprio texto que eles chamam de sagrado e dizem seguir fielmente. Vejamos:

Deste modo, conhecemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, nem tampouco aquele que não ama seu próprio irmão. A marca do cristão: o amor (1 João 3:10).

Pois quem agir de forma injusta receberá o devido pagamento da injustiça cometida; e nisto não há exceção para pessoa alguma (Colossenses 3:25).

As passagens bíblicas são claras e diretas, o que me leva a declarar que os adoradores do Diabo, o pai da mentira, não passarão! A verdade prevalecerá.

O VÍRUS DO NEOPENTECOSTALISMO

O Brasil viveu no último quadriênio presidencial o pior momento de sua história. A pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe a morte para mais de setecentas mil pessoas. Entretanto, há por aqui outro vírus, tão letal quanto o novo coronavírus: o vírus do neopentecostalismo.

Antes, restritos basicamente aos circuitos de suas igrejas e com pouca influência nos meios políticos, os neopentecostais, hoje, donos de canais de rádio e televisão, portais de Internet, editoras, jornais e revistas, fizeram parte do governo de Jair Bolsonaro, contribuíram diretamente para a sustentação do governo do “Messias”, inclusive, chegando a comandar o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

A pauta reacionária e obscura daquele governo foi sustentada pela união de terraplanistas e neopentecostais. Estes não negam, ainda, a forma geodésica da Terra, como seus colegas, mas, baseados em sua “teologia de goiabeira”, refutam outras questões ligadas à ciência, como a eficácia das vacinas contra a Covid-19. Na pandemia, um dos maiores líderes deste segmento foi vacinado em Miami, mesmo tendo dito aos fiéis para que não se preocupassem com o vírus, pois era apenas mais uma tática de satanás.

Assim, por este caráter obscuro, fraudulento, mesquinho, reacionário, oportunista e retrógrado, o “vírus” do neopentecostalismo representa um risco à identidade nacional e ao princípio de laicidade do Estado. Além disso, é importante que se diga que a influência deste movimento não está restrita apenas à política. Eles estão presentes também na Igreja Católica e em seu conhecido movimento de renovação carismática, assim como nas igrejas tradicionais oriundas do movimento da Reforma Protestante, nas escolas, universidades etc.

Está presente até mesmo na linguagem do cotidiano, contribuindo para a formação de uma psicologia social à moda brasileira. Frases e palavras antes restritas ao universo dos templos são pronunciadas por quem nunca sequer pisou em uma

igreja evangélica. Tá amarrado! Deus é mais! Queima Jeová! Tá repreendido! Eu determino! Eu declaro! Eu ordeno! São exemplos desta “quase” revolução cultural, se já não for.

Todavia, do ponto de vista da história da igreja e da teologia cristã, nada foi mais corruptor do que o neopentecostalismo. Eles inauguram o primado da chamada fé *rhema*, onde o crente é sustentado por tudo o que sai da boca de Deus, então só precisa ter fé, muita fé.

Os neopentecostais tornaram a fé uma espécie de “abra-cadabra” para a busca de prosperidade, um instrumento para determinar vitórias em todas as áreas da vida. Eu declaro! Eu determino! Eu exijo! Portanto, o crente só precisa de fé, inclusive, para se proteger de doenças. Não é preciso tomar vacina, é preciso ter fé em Deus e você estará seguro. O imperativo da fé *rhema* parece ser um bálsamo, um conforto emocional, um fio de esperança, apesar de, na verdade, ser uma cilada.

O resultado disto é o fiel pobre e miserável, enquanto pastores, bispos e apóstolos, com seus conglomerados midiáticos, adentram cada vez mais os espaços decisórios do poder, pois, no país, o acúmulo de bens e o de poder, como sempre, andam de mãos dadas. Será que seremos, então, em futuro próximo, um Estado Teocrático? Não dá para saber, mas uma coisa é certa: o “vírus do neopentecostalismo” é muito perigoso.

MANAUS, UMA CIDADE DOENTE

Há muitos anos, a população de Manaus sofre com doenças infectocontagiosas como a hanseníase e a tuberculose. Hoje, falarei de outra doença, que é tão grave quanto estas – a doença do neopentecostalismo.

De acordo com o levantamento feito pela Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas (OMEAM), publicado no Portal Seara News (www.searanews.com.br), nos últimos 20 anos, a capital amazonense apresentou um crescimento de 325% no número de igrejas, totalizando aproximadamente 8,5 mil templos.

Não é possível afirmar que todos estes templos sejam do movimento neopentecostal, mas, convenhamos, é um crescimento muito alto. É importante dizer, também, que dentro do protestantismo brasileiro há uma enorme diversidade de denominações. Todavia, grosso modo, podemos organizar as igrejas evangélicas no Brasil da seguinte forma: tradicionais-históricas, pentecostais e neopentecostais, contando ainda com as adventistas, Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons).

À guisa de exemplo, podemos dizer que a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Luterana, a Igreja Anglicana, a Igreja Metodista e a Igreja Batista são históricas e tradicionais, ainda que algumas delas possuam “versões renovadas”, com teologia e liturgia neopentecostalizada – o que explicarei adiante.

No campo das igrejas pentecostais, temos como principal exemplo a Igreja Assembleia de Deus e suas ramificações, bem como a Igreja Deus é Amor. Elas também sofreram influências da Teologia da Prosperidade e da Teologia do Domínio, fundamentalmente, a partir dos anos 2000, o que promoveu diversos rachas entre elas.

Em relação às famigeradas igrejas neopentecostais, cujo surgimento no Brasil ocorreu no final dos anos 70, no século XX, ainda que sua expansão e notoriedade tenham ocorrido a partir da década de 1990, os principais expoentes deste segmento são: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

É importante fazer esta distinção, pois quando se trata do segmento evangélico no país não há homogeneidade. Dependendo da denominação, a matriz teológica e a liturgia mudam bastante, não sendo possível a generalização de seus usos e costumes para todos.

As igrejas neopentecostais diferem bastante das demais por terem acrescentado aos seus cultos e à própria vida cotidiana cristã alguns elementos, tais como: batalha espiritual, maldições hereditárias, possessões demoníacas que resultam em doenças físicas e emocionais, bem como o fracasso financeiro. Seus cultos não são teocêntricos, mas, sim, antropocêntricos, com o fiel precisando ser liberto de alguma coisa por uma figura humana, quase o tempo todo.

Neste âmbito, a libertação é condição *sine qua non* para a prosperidade, pois antes dela a pessoa deixa de ter êxito em todas as áreas de sua vida por conta de pecados, ações de demônios, maldições hereditárias etc. Ou seja, ele(a) precisa ser liberto(a), o que deve ocorrer em um templo e pelas mãos de alguém que não prega a palavra de Cristo, mas busca atingir seus próprios interesses.

Outro aspecto importante da teologia neopentecostal é a chamada fé *rhema*, onde o crente é sustentado por tudo o que sai da boca de Deus, de sua Palavra – viabilizada por um pastor. Então, ele(a) só precisa ter fé, muita fé, pois, se há alguma promessa ou uma benção na Bíblia, ela somente acontecerá na vida dele(a) após sua libertação. Uma vez livre, ele(a) poderá exigir/determinar a liberação da sua benção. Noutras palavras, se a pessoa é cristã, filha de Deus, nesta visão religiosa, ela necessariamente tem que ser financeiramente próspera.

Todavia, do começo ao fim, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, o centro da mensagem bíblica não é a riqueza material, não é a promessa de vida próspera e abundante neste mundo, pelo contrário, conforme o registro de João 16:33, o próprio Jesus disse que neste mundo teríamos aflições, mas bom ânimo, pois Ele venceu o mundo – ou seja, a única promessa é de que haverá esperança para seguir e não dinheiro para ganhar.

Não é difícil concluir, então, que a mensagem de Jesus vai em direção oposta à pregação neopentecostal e nos coloca o seguinte questionamento: afinal, qual é, de fato, o propósito da Igreja Cristã? Qual é a razão de sua existência? Bem, seja ela católica ou protestante estas perguntas não são respondidas com a busca por bens materiais ou por um estilo de vida nababesco e hedonista.

Segundo o registro feito por Mateus, no capítulo 6:33 de seu evangelho, certa vez, Jesus, ao falar das preocupações da vida, como comer, beber e vestir, disse: *“busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas”*.

Antes disso, no mesmo capítulo, ele já havia exortado para que o povo não acumulasse *“tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões arrombam e furtam”*. O que Cristo faz é orientar seus ouvintes a acumular *“tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam”*.

Voltando à questão da fé *rhema*, é preciso registrar que a fé cristã, a verdadeira, também não é algo puramente abstrato ou mágico, ela é, acima de tudo, uma fé racional, uma convicção que se materializa em valores e ações práticas na vivência do cotidiano. Esta convicção faz com que o culto do verdadeiro cristão seja prestado de forma racional, consciente e livre. Este fundamento vem dos escritos de Paulo de Tarso, que ocupam lugar central no Novo Testamento.

Em sua carta aos membros da Igreja em Roma, no capítulo 12:1, Paulo roga àqueles fiéis que *“ofereçam seu corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”*, pois este seria um culto racional. No verso seguinte, ele pede aos cristãos que *“não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”*, concluindo que isto deve ser feito *“para que (os fiéis) sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”*.

E qual seria a boa, perfeita e agradável vontade de Deus? O próprio texto bíblico, em síntese, revela: amar a Deus sobre todas as coisas, amar ao próximo como a si mesmo, pregar o

Evangelho de Cristo e cuidar dos órfãos e viúvas. Trazendo esta mensagem para os dias atuais, isto significa cuidar dos necessitados, assistindo-os em suas necessidades materiais e/ou espirituais.

Portanto, a verdadeira Igreja Cristã, o verdadeiro culto cristão – não é uma reunião, nisto insisto, é um culto – deve ser racional e vertical, dirigido somente a Deus. Um culto teocêntrico, uma adoração sincera e inteligível. Isto implica dizer que, em uma ocasião como esta, não há espaço para pedir dinheiro, fazer promessas de prosperidade, realizar curas sobrenaturais, expulsar demônios, quebrar maldições ou fazer barganhas com Deus.

Mesmo assim, seguindo, teoricamente, os mesmos escritos, não é isto que se vê nas atuais igrejas neopentecostais brasileiras. Sua liturgia é conduzida pela irracionalidade, pela emoção, pelo medo, pela chantagem, por falsas promessas de vida próspera mediante o pagamento de alguma coisa, configurando, enfim, uma liturgia do charlatanismo. Nestes lugares, o fiel é levado a adorar qualquer coisa, menos a Deus.

Seria possível nos enveredarmos por esta crítica em inúmeros textos que desconstroem o que é praticado nas igrejas neopentecostais, mas deixemos para outras incursões, pois o que pretendemos aqui é falar da questão na cidade de Manaus, considerando sua contaminação pelo vírus do neopentecostalismo.

Cidade esta que, vale destacar, tem mais de dois milhões de habitantes e toda sorte de problemas sociais. Só nos últimos trinta anos, Manaus passou a ser disputada e dominada por facções criminosas, tornando-se rota do tráfico internacional de drogas e, mesmo com a pujança econômica dada pelo Polo Industrial, ainda é uma cidade violenta, desigual e desumana, o que equivale a um terreno fértil para o proselitismo neopentecostal.

Lá, as três maiores denominações neopentecostais do Brasil e do mundo, atuando como empresas, disputam palmo a palmo cada espaço da cidade, cada território e cada fiel. A cidade vive a “pandemia do engano”, da deturpação da mensagem bíblica original e do verdadeiro propósito de uma Igreja Cristã.

A doença do neopentecostalismo, assim como as doenças biológicas, tem infectado e levado muitas pessoas a óbito. Neste caso, não se trata de morte física, mas, sim, do engano, da morte da alma, da esperança, do amor e da fé.

A VERDADE QUE CONDENA

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, este foi um dos lemas da campanha, em 2018 e 2022, de Jair Bolsonaro, ex-presidente da República. Todavia, o uso que ele fez e ainda faz da Palavra Sagrada, registrada no evangelho de João 8:32, não é mais do que pura malandragem, que enganou e ainda engana milhões de cristãos Brasil afora.

Para piorar, os pastores evangélicos, padres e demais teólogos cristãos sabem que o sentido atribuído ao versículo pelo ex-presidente, e por toda a caterva que o cerca, não é o mesmo dado por João em seu evangelho. Mesmo assim, eles fecharam os olhos para a interpretação equivocada do texto bíblico, movidos por outros sentimentos e interesses, geralmente, financeiros. Está tudo errado!

A hermenêutica aplicada ao texto revela outro sentido. A verdade, à qual João se refere, não é propriamente a verdade do Dicionário Aurélio, por exemplo: “circunstância, objeto ou fato; realidade”, “pensamento, ponto de vista” ou mesmo “pureza de sentimentos; sinceridade”. Não é isto!

Tratando-se de exegese bíblica, “a regra é clara”, ou seja, não se pinça apenas um versículo de um texto completo. Já dizia um velho professor de Teologia que: “texto fora de contexto é pretexto para heresia”. Logo, o caminho para a análise e a interpretação de qualquer texto é verificar, de imediato, o seu contexto.

No caso de João 8:32, Jesus estava falando aos seus compatriotas no templo deles. Certamente, na ocasião, havia pessoas de diferentes classes sociais, além de lideranças religiosas como os fariseus, ou mesmo autoridades pertencentes ao Sinédrio. Lá, Jesus estava fazendo duras críticas ao comportamento mundano deles. O versículo anterior revela isto, vejamos:

Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (João 8:31-32).

A fala de Cristo no versículo 31 é conclusiva: a palavra Dele é a verdade. Portanto, conhecer e permanecer na palavra Dele promoverá a liberdade. Neste sentido, Cristo é a verdade que liberta e condena, o logos de Deus, o *verbum*, a Palavra.

João registra, fielmente, no versículo 32, esta conclusão, que poderia ser parafraseada da seguinte forma: “*e conhecereis a verdade, e a verdade (Cristo) vos libertará*”. O que se diz na Bíblia não tem nada a ver, portanto, com o “ficar sabendo de alguma coisa”, ainda que este sentido muitas vezes seja dado ao versículo em questão pelo ex-presidente e por toda a malta que ainda o apoia.

Até porque João, o apóstolo amado, não era fofoqueiro, não estava interessado em comunicar coisas terrenas, efêmeras, tolas; a preocupação dele era com o eterno, com o transcendental, tanto que o livro do Apocalipse é revelado a ele – um texto escatológico, cujo entendimento requer alguns anos de estudos.

A teologia do ex-presidente e dos seus sequazes tem a mesma profundidade de uma tampinha de refrigerante. Eles sempre se referiram, por exemplo, à Operação Lava Jato como a grande “reveladora de verdades” sobre o mundo corrupto da política, dando a entender que o povo brasileiro, ao tomar posse desta verdade, havia se libertado do julgo da esquerda. Poucas coisas são tão tolas quanto esta interpretação, já que, repito, não é desta verdade que o referido versículo trata.

O ex-presidente e seus seguidores se apropriaram do texto de João 8:32 de forma vazia. Desprovidos de fundamentação teológica, exegética e hermenêutica, fizeram uma associação deste texto às verdades mundanas da política, criando uma semântica própria com o objetivo de dar sustentação teológica à malandragem. E tudo feito “em nome de Jesus”!

O fato é que o ex-presidente e seus fanáticos seguidores não conhecem a teologia cristã, que tanto dizem se pautar e defender, aliás, eles não conhecem o próprio livro sagrado que dá base filosófica e teológica para a constituição do que dizem ser sua fé. Não conhecem, portanto, a Cristo (a verdade) e, ao invés de serem libertos por ele, estão cativos, condenados e aprisio-

nados às palavras de mentira. Todavia, é preciso ter cuidado, pois o próprio texto indica os pré-requisitos para alguém ser discípulo de Jesus: “*se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos*”.

Neste âmbito, Bolsonaro e seus seguidores não estão na palavra de Cristo, nem de longe pode se afirmar que estão. Cristo não falava nem espalhava mentiras, não amava a injustiça, não destilava o ódio, não era obtuso, não condenou as prostitutas e os ladrões. Cristo pregou o amor e a justiça, a paz e a mansidão. Não são, portanto, discípulos do Nazareno, são apenas malandros mal-intencionados. A esperança é que, no meio deste povo todo, há doces e raras exceções.

A BESTA QUE EMERGE DA TERRA

Vi uma imagem, num post, na qual o presidente Lula estava ao lado da imagem de um demônio e o ex-presidente Bolsonaro ao lado de uma imagem de Cristo. A postagem foi feita por uma deputada federal evangélica. Ao ver a imagem, pensei: de fato, o maniqueísmo tomou conta de todas as esferas da vida nacional. Tudo parece estar submetido a uma lógica binária de análise, quer seja na política, na economia, na cultura ou mesmo nas relações interpessoais.

De todos os segmentos sociais, sem dúvida, o segmento evangélico é o que mais adota a prática das análises binárias. Como nesta perspectiva só existe o bem e o mal, então, tudo está submetido a esta lógica. O problema é que, para eles, o mal é sempre relacionado a qualquer ideia progressista. Noutras palavras, na forma como encaram a política, o bem sempre está associado a alguma ideia prática da direita ou da extrema direita, ao passo que o mal é sempre associado a algo que venha da esquerda. Nada mais tolo e enganoso do que isto!

Analisando a imagem postada e a sua legenda, que fazia referência à escolha política que o brasileiro fez em 2022, a imagem dava a entender que se tratou de uma escolha equivocada do povo, que o povo escolheu o mal. Ocorre que os evangélicos, pelo menos uma parte significativa deles, fez a sua escolha pelo mal em duas ocasiões. Em 2018 e 2022. Em 2018, obtiveram êxito e o mal venceu. O resultado prático dessa escolha foi a fome e o desemprego, sem contar o número de mortes durante a pandemia do novo coronavírus.

Para piorar, em 2022 mantiveram a escolha, mesmo diante de todas as evidências de mentiras e corrupções. Foram seduzidos, portanto, pelo protótipo da besta que emerge da terra, descrita no conhecido texto bíblico do Apocalipse. O texto afirma que a besta é o falso profeta, que pode ser não apenas uma pessoa, mas também um sistema, um poder civil despótico, uma falsa religião, marcada por ideologias e doutrinas anticristãs. Podemos ler, ainda, que o falso profeta levará os homens ao engano.

Noutras palavras, uma parte significativa dos evangélicos e de católicos foi e continua sendo enganada e manipulada, mas nem sequer percebeu isto. Ou, então, percebeu e não se incomodou. Mas uma coisa é certa: o Cristianismo brasileiro, salvo raras exceções, não é cristão. O Cristianismo brasileiro destes tempos hodiernos é mau, corrupto, despótico, obtuso. É um Cristianismo mesquinho, que cultiva mais o ódio do que o amor, este, sim, fartamente ensinado por Jesus.

A banda podre da Igreja Evangélica, liderada por gente de mau-caráter, por charlatões, avaros, mentirosos, presunçosos, impiedosos, amantes das coisas mundanas, adentrou as instituições permanentes do Estado. O engano e o autoengano deste grupo são tão fortes que eles pensam justamente o contrário do que estou expondo aqui. Ou seja, para a maioria, a eleição de um “presidente cristão”, bem como a composição de uma “bancada cristã” na Câmara, no Senado Federal e nas demais casas legislativas do Brasil foi feita justamente para combater um sistema-mundo anticristão.

Ocorre que, paradoxalmente, o segmento evangélico não apenas ajudou a eleger um presidente anticristão em 2018, mas também contribuiu para a eleição de um sistema que, em sua base e suas ações, é anticristão, colocando dentro dos aparelhos de Estado o que há de pior em termos de conduta ética.

A *práxis* da bancada evangélica no Congresso, salvo raras exceções, não condiz em nada com a moral cristã. O *ethos* protestante deles, tão bem observado por Weber, é totalmente outro. A moral é frouxa, a ética é vacilante e a teologia totalmente enviesada.

Voltando ao Apocalipse, o texto deixa bem claro que a besta receberia adoração das pessoas, uma idolatria irracional. Não é difícil perceber, então, que esta besta que emerge da terra pode ser tanto um sistema de governo anticristão quanto uma pessoa. Então, eu pergunto: será que há este quadro da cena política brasileira, descrito no livro do Apocalipse? Considerando que uma parcela substancial dos evangélicos ainda idolatra o ex-presidente, apesar de todo o mal a ele atrelado, e que muitos, portanto, estão indo na contramão do que está

escrito em seu livro de fé, caindo na armadilha que seu Deus já havia alertado, a resposta a esta pergunta seria: “sim”.

Em síntese, parte do segmento evangélico brasileiro, a pretexto de combater o mal e o sistema-mundo anticristão, ajudou a colocar no poder um protótipo da besta que emerge da terra, do falso profeta. Ajudaram a criar um sistema anticristão, apesar do que pregam, pois o governo Bolsonaro foi dominado por denúncias de corrupção, desorganização, perseguição de minorias, além de propagar mentiras, demagogia e de ser antinacional e antipovo.

Um governo que se elegeu com mentiras e que governou a partir delas. Representando, então, o oposto do que prega Cristo e sua sã doutrina. A besta que emerge da terra continua enganando a muitos! Espero que ela não volte nunca mais ao governo central.

O EFEITO BOLSONARO E OS “DESIGREJADOS”

O efeito Bolsonaro é a banalização do mal, o culto à violência e à intolerância, bem como o desprezo pela vida. Como um câncer em metástase, este efeito penetrou em todos os segmentos da sociedade brasileira, criando uma atmosfera de ódio e de fomento ao confronto.

Não há uma única instituição desta terra invadida por Cabral que não tenha sido afetada pelo efeito Bolsonaro. Desde a empresa, passando pela escola, pela universidade, pela família, pela igreja, pelo clube, pelo sindicato, pelo partido político, pela imprensa, enfim, por todos os lugares há situações de conflitos e desavenças, discórdias e divisões.

A partir desta constatação, quero tratar hoje da relação do efeito Bolsonaro com o aumento do número de desigrejados no Brasil, uma situação que tem afetado milhares ou mesmo milhões de pessoas em nosso país e que recrudescer com a ascensão da extrema direita ao poder central em 2018.

Os desigrejados, definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como “evangélicos não determinados”, são pessoas que, por algum motivo, deixaram de frequentar igrejas cristãs, sejam elas católicas ou evangélicas. Estas pessoas continuam com a sua fé, porém não conseguem mais encontrar uma igreja que possam frequentar e em que consigam se inserir de maneira harmoniosa.

Sabe-se que a inserção em novos grupos é sempre uma tarefa árdua, uma vez que há sempre os “estabelecidos” e os “outsiders”, que chegam posteriormente. Esta situação gera, certamente, estranhamento e desconfiança, para lembrar, aqui, do texto dos sociólogos Norbert Elias e John Scotson.

É importante que se diga também que o abandono da igreja não é um fenômeno novo, uma vez que sempre houve casos desta natureza, quase sempre motivados por fatores ligados à liderança – como o autoritarismo, a identificação de algum tipo de corrupção, falsas promessas de prosperidade e de cura, preconceito de classe, entre outros.

Todavia, nos últimos anos, um fator tem sido decisivo para a saída quase em massa de fiéis das igrejas, principalmente das igrejas evangélicas: a promiscuidade entre a política e a religião. Esta relação medieval, nada republicana nem laica, tem revelado o mau-caratismo e a hipocrisia das lideranças eclesiásticas e da política. É aí que está o elo do efeito Bolsonaro com o aumento do número de desigrejados.

E por que isto tem ocorrido de maneira exponencial? A resposta é simples: não há outra solução para quem não tem uma cosmovisão nazifascista a não ser abandonar a igreja, pois elas foram tomadas de assalto pelo bolsonarismo. Para quem cultiva o espírito democrático, progressista e libertário é impossível conviver com o “Novo Evangelho”, miliciano-nazifascista-bolsonariano, adotado por boa parte das igrejas cristãs brasileiras atualmente.

A convivência se torna impossível, do ponto de vista ético e prático, uma vez que, caso seja identificado alguém com um perfil “desviante” no meio da congregação bolsonaresca, ele(a), certamente, será perseguido(a) ou até mesmo excomungado(a). Atualmente, não há espaço algum para fiéis com pensamento progressista na maioria das igrejas evangélicas brasileiras, o que também ocorre em muitas igrejas católicas. Várias destas instituições se tornaram verdadeiras células nazifascistas, salvo, claro, as raríssimas exceções.

A lógica nazifascista e miliciano-adentrou os templos a partir do mau-caratismo das lideranças e se espalhou pela membresia, fazendo com que o(a) irmão(ã) na fé, cujo pensamento político seja o oposto do pregado, passe a ser encarado(a) como inimigo(a). Ocorre que com o(a) inimigo(a) a relação muda totalmente da comunhão para a eliminação, para o abate.

De certa forma, a excomunhão por pensamento político divergente é uma eliminação, é um abate, pois significa dizer ao fiel algo como: “vá para longe, não queremos você aqui”. Isto pode gerar a morte social de uma pessoa, uma vez que nós, seres humanos, temos o espírito gregário, precisamos do grupo, da coletividade, da comunidade para nos socializarmos e vivermos melhor.

Todavia, o “Novo Evangelho”, o qual eu denomino de miliciano-nazifascista-bolsonariano, tem produzido nas igrejas cristãs comportamentos extremamente perversos, que aniquilam qualquer possibilidade de generosidade, solidariedade, acolhimento, inserção, enfim, de amor entre as comunidades.

Não é à toa que o discurso de ódio e os ataques às instituições da República, vindos de dentro das igrejas, são comuns atualmente. Há diversos vídeos que circulam nas redes sociais, nos quais vemos pastores orando para que os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) tenham mortes horríveis e sejam destruídos. Ademais, a propagação de notícias falsas nas redes sociais, feita por evangélicos e mesmo por católicos, é um dado da realidade, assim como a manifestação pró-armas de fogo, inclusive, com justificativa bíblica para tal. Está tudo errado!

O evangelho da Igreja Cristã Brasileira, hoje, não é o mesmo de Cristo e dos apóstolos. Na maioria dos templos evangélicos e católicos do Brasil Cristo seria impedido de entrar e de fazer a sua pregação. Muito provavelmente, até Ele seria excomungado. Uma coisa é certa: caso o efeito Bolsonaro, definido no início deste texto, continue presente nessas instituições, mudando sua natureza e seu propósito, estes espaços se consolidarão cada vez mais em pilares de ódio, com o número de desigrejados aumentando cada vez mais.

A DERROTA DOS PROFETAS DE BAAL

Na disputa eleitoral de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva não venceu apenas Jair Bolsonaro, ele venceu e desmascarou também dezenas de falsos profetas evangélicos e católicos que haviam antevisto a sua derrota. Sua vitória é, portanto, um duro golpe para os “profetas de Baal” da contemporaneidade.

Não é de hoje que estes falsos profetas, que, na verdade, não são nada além de mercadores da fé, são desmascarados. O(A) leitor(a) deve se lembrar de que no início da pandemia da Covid-19 muitos deles também profetizaram que esta doença não traria impacto algum sobre a população e a economia brasileira. Desta forma, eles contribuíram para a negação da vacina e das demais medidas sanitárias recomendadas pelas autoridades brasileiras.

Na verdade, estes falsos profetas cristãos evangélicos e mesmo católicos são perversos, são homens e mulheres maus, cruéis, falaciosos, sem temor a Deus e sem amor no coração. Como dito, são verdadeiros profetas de Baal, divindade dos diversos povos que habitavam a terra de Canaã, descritos tão bem pelo profeta Oseias e, também, no livro de Reis do Antigo Testamento.

Vamos contextualizar. Pode-se dizer que, no âmbito dos estudos sobre a cultura e a religião dos povos que habitavam a antiga terra de Canaã (cananeus, jebuseus, amorreus, heveus e gurgaseus, entre outros), região do Oriente Médio hoje, não há consenso acerca do significado da palavra Baal. Alguns interpretam como sendo um substantivo que remete à ideia de senhor, outros afirmam que se trata de um deus propriamente dito, neste caso, Baal, filho de Dagon, deus das sementeiras, aludindo à fertilidade.

Logo após a morte do rei Salomão, o riquíssimo reino de Israel foi dividido em reino do Norte, cuja capital passou a ser a cidade de Samaria, e o reino do Sul, que passou a ter Jerusalém como capital. É de amplo conhecimento entre os historiadores e teólogos bíblicos que os reis do Norte profanaram o culto do

Deus de Israel, introduzindo na liturgia práticas pagãs e deuses de religiões dos povos que habitavam Canaã.

Nesse ambiente, o rei mais profano foi Acabe. Ele não apenas construiu um santuário para Baal na cidade de Samaria, como ainda se casou com uma mulher cananeia perversa chamada Jezabel, que perseguiu e matou centenas de profetas israelitas, o que era intolerável, uma abominação ao Deus daquele povo.

Não há espaço nem a intenção de aprofundar esta discussão neste momento, o que interessa aqui é dizer que o culto a Baal representava a antítese do culto ao Deus de Israel e contava com uma legião de adoradores e de sacerdotes. Interessa, ainda, dizer que os profetas de Baal, no reinado do rei Acabe, eram patrocinados pelo próprio reino, ou seja, recebiam todos os recursos necessários para a livre pregação e adoração, vivendo às custas do rei.

Neste contexto, é conhecido o episódio em que o profeta Elias desafia 450 profetas de Baal e vence-os de forma triunfal, humilhando-os. O livro 1 Reis, 18:23-24 registra que, depois de enorme perseguição e assassinato dos profetas israelitas feitos por Jezabel, Elias se dirige ao rei e ao povo e diz:

Deem-se-nos, pois, dois bezerros, e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe coloquem fogo, e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe colocarei fogo. Então, invocai o nome do vosso deus e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por meio de fogo esse será Deus.

Os próximos versículos revelam que os profetas invocaram Baal desde o raiar da manhã até o meio-dia, porém não obtiveram nenhuma resposta. Enquanto isso, Elias zombava deles e pedia que eles se esforçassem mais, pois não estava funcionando o seu clamor. Eles clamaram em alta voz, cortaram o próprio corpo, derramaram o próprio sangue, mas nada acontecia, passaram quase o dia inteiro sem resposta, mesmo com muita oração e clamor. Ao final do dia, Elias invoca o seu Deus, o Deus de Israel, conforme o combinado, e é pronta-

mente atendido. O fogo consome tudo, a lenha, o bezerro e o próprio altar, não sobrando nada.

Moral da história. De acordo com a narrativa bíblica, os profetas de Baal não foram atendidos porque eram falsos profetas, adoravam um falso deus e ainda perseguiram e assassinavam os profetas do Deus verdadeiro de Israel. Foram humilhados em praça pública, 450 deles contra apenas um homem e, ainda assim, não obtiveram êxito.

O(A) leitor(a) pode, então, questionar o que isto tem a ver com a eleição de Lula, ao que eu respondo da seguinte forma: apenas pelas minhas contas, pelo menos cinco lideranças evangélicas de grande influência nacional profetizaram a vitória de Bolsonaro no pleito de 2022.

Eles oraram, clamaram, jejuaram, se ajoelharam e foram além, à semelhança de Acabe, transformaram o culto ao Deus de Israel (que é o mesmo Deus dos cristãos evangélicos e católicos de hoje) em culto a Bolsonaro; transformaram a igreja, a casa de Deus, em comitê de campanha do ex-presidente; e perseguiram opositores e dissidentes, expulsando do templo pessoas que não concordavam com aquelas práticas e manifestações. Apesar de (ou até por causa de) tudo isso, eles não foram atendidos. Deus não ouviu as suas orações, não recebeu os seus sacrifícios nem se agradou de seus cultos. Como os profetas de Baal, estes cinco pastores evangélicos, pseudoprofetas, foram humilhados em praça pública.

Em resumo: a eleição de 2022 provou que há, hoje, no meio evangélico e católico brasileiro, falsos profetas, falsos pastores que seguiram e prestaram cultos a um falso deus, a um falso messias. Todavia, todos eles foram derrotados pelas orações do povo verdadeiramente cristão e fiel deste nosso país.

POR QUE A ORAÇÃO NÃO FOI OUVIDA?

Em 2022, Lula foi eleito com 50,90% dos votos válidos. Do outro lado, os principais derrotados foram: Jair Bolsonaro e os cristãos evangélicos e católicos que fizeram jejum e oração em seu favor. Aprouve a Deus, na sua soberania, não atender às súplicas destes cristãos, fato que, naturalmente, suscita vários questionamentos como o porquê desta situação. Há várias explicações possíveis para isto, porém, a mais importante perpassa o fato de que muitos destes cristãos são hipócritas, mentirosos, caluniosos, corruptos, profanos e, contra isto, Deus sempre se insurgiu.

A Bíblia Sagrada, do começo ao fim, relata vários episódios em que Deus se insurgiu contra os abominadores e infiéis caluniadores, contra as injustiças e as desordens. O Novo Testamento, por exemplo, é um compêndio de textos que se insurgem contra a hipocrisia, a miséria física e espiritual, o ódio, as insubordinações e, fundamentalmente, contra os falsos pastores e líderes.

A Igreja Cristã Brasileira, parte dela pelo menos, se comporta de forma oposta ao que está escrito no Novo Testamento, assumindo uma postura que é, certamente, a antítese do Evangelho de Cristo. Neste sentido, não é muito difícil entender o porquê de não ter tido resposta favorável às orações e aos jejuns relacionados ao pleito eleitoral de 2022.

Em primeiro lugar, a oração não foi atendida porque não se tratava de um pedido justo. Em segundo lugar, aqueles que faziam tal pedido, na sua maioria, não tinham e não têm relacionamento algum com Deus. Estão mortos em seus próprios delitos e pecados, pois só enxergam o pecado de outrem. Eles são, na verdade, acusadores impiedosos e perversos. Foi contra este tipo de comportamento que o próprio Cristo se insurgiu, conforme registrado em Mateus 15:8-9, vejamos:

Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.

Quando o povo é desobediente e se afasta da lei de Deus, Ele mesmo opera a justiça. Isso aconteceu na Igreja Cristã Brasileira, claramente. Grande parte de evangélicos e católicos transformou a igreja, a casa de Deus, em comitê de campanha de Bolsonaro, um gesto claro de profanação do culto e do templo – afinal, o templo, quando a congregação está reunida, se torna um lugar sagrado.

Todas as vezes que o povo se desviou e profanou o culto e o templo, tanto na história do povo de Israel no Antigo Testamento quanto na história da Igreja Cristã (o Israel de Deus da atualidade), Ele não se agradou e virou as costas para o povo. Há diversos livros que registram esses acontecimentos, como Jeremias 14:12, em que temos: *“ainda que jejuem, não ouvirei o seu clamor; mesmo que ofereçam holocaustos e ofertas de cereais, não os aceitarei nem terei neles qualquer prazer”*.

Em Provérbios 1:28, lê-se: *“então, suplicarão minha atenção, entretanto, não vos responderei; buscar-me-ão, porém, não me hão de encontrar”*. Em Isaías 1:15, temos:

Quando estenderdes as mãos, eis que esconderei os olhos de vós; e, ainda que multipliqueis as vossas orações, não mais as ouvirei, porquanto as vossas mãos estão condenadas, cheias de sangue inocente!

Haveria, ainda, outros textos que eu poderia citar aqui, todos mostrando que, a partir do comportamento profano do povo, de sua iniquidade, o próprio Deus sempre operou a justiça. Neste sentido, pseudoevangélicos e pseudocatólicos poderiam passar todo o ano de 2022 orando, jejuando e se martirizando, mas suas ações não teriam efeito prático nenhum; eles não seriam atendidos, como já não foram, afinal, parte deles está com as mãos sujas de sangue.

Não podemos esquecer que muitos líderes evangélicos e católicos de expressão nacional foram contra as medidas sanitárias de distanciamento social, de uso de máscaras e contra o lockdown durante a pandemia da Covid-19, contribuindo, dessa forma, para a contaminação e, conseqüentemente, para o óbito de centenas ou mesmo milhares de pessoas. Portanto,

evangélicos e católicos precisam, antes de tudo, se arrepender e fazer o que o apóstolo Tiago ensina em sua carta: *“confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz”*.

Mas atenção! O apóstolo menciona “a oração de um justo é poderosa e eficaz”. É esta oração que Deus ouve e com a qual se compadece e atende. Ele não responderá às orações de fariseus hipócritas, defensores de toda sorte de preconceitos, maldades, mentiras, fraudes e contendas. Por isto, a oração em favor de Bolsonaro não foi atendida.

A ERA DOS PASTORES MENTIROÇOS

O Brasil vive o pior momento de sua história republicana. Isto é fato. Em todos os segmentos há retrocessos. No campo religioso, ligado ao Cristianismo, vivemos a era dos pastores trambiqueiros e mentiroços. Nunca se viu tanta trapaça neste segmento como estamos vendo agora.

Há dezenas de escândalos relacionados a abuso sexual, pedofilia, estupros, desvio de dinheiro em cargos públicos, estelionato, associação com tráfico, dentre outros crimes. Certamente, há exceções neste meio. Com efeito, os crimes de vários pastores, quando vêm a público, – e é importante que venham mesmo – derramam uma camada de lama fétida que contamina todo o segmento evangélico.

Eu sou de um tempo em que os pastores, de modo geral, eram bastante respeitados. Possuíam largo conhecimento filosófico, político, teológico e tinham reputação ilibada. Minha maior referência foi o pastor doutor Eduardo França Lessa. Pastor Lessa, como era conhecido, tinha formação em Enfermagem, Psicologia, Sociologia e Teologia. Ele tinha outro nível de conduta ética e moral e era, acima de tudo, um intelectual.

Com efeito, o que está em alta hoje é a teologia de pastores de moral rebaixada e sem ética alguma. As maiores denominações pentecostais e neopentecostais brasileiras são lideradas por mercadores da fé. A “escola” destes falsos profetas tem levado, a cada dia, pastores sérios e dedicados a perderem totalmente a credibilidade.

Salvo as exceções, claro, atualmente as igrejas estão mais para lavanderia de dinheiro ilícito do que para Igreja de Cristo. Neste sentido, já que tomaram este caminho, é preciso que o império da lei e da Constituição Federal as alcance sem dó nem piedade. Para o bem de todos(as), a era dos pastores trambiqueiros e mentiroços precisa acabar.

Tenho dito!

UMA DECEPÇÃO PRESBITERIANA

Começo este texto com a seguinte indagação: o que teria levado os pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), uma parte deles ao menos, a apoiar por duas vezes Jair Bolsonaro?

Em primeiro lugar, é impossível falarmos em desinformação ou falta de preparo acadêmico, pois se há um lugar onde o estudo teológico e secular são levados muito a sério na formação de seus pastores esse lugar é a IPB. São pelo menos quatro anos de bacharelado em Teologia, com acompanhamento de perto da igreja à qual o aspirante a pastor pertence. Durante o curso, ele tem uma densa carga de leitura a cumprir, com o estudo de filósofos e historiadores gregos, romanos e hebraicos.

O presbítero também deverá estudar os idiomas grego, hebraico e latim, além de ter que dar conta de estudos hermenêuticos, exegéticos e homiléticos, a serem demonstrados em uma monografia de final de curso.

Ademais, nas diretrizes curriculares do curso são contemplados estudos de sociologia e antropologia. Vê-se que se trata de uma formação ampla e erudita, o que, a meu ver, torna impossível alguém com esse nível de acesso à informação se deixar enganar por discursos de políticos farsantes, por teorias da conspiração e por pseudofilósofos.

Todavia, parece que não foi isso que aconteceu nos últimos anos. Vários pastores se deixaram influenciar por muitas teorias da conspiração e pseudofilosofias produzidas por militantes de extrema direita. Isso pode ser claramente percebido, por exemplo, no documento do Supremo Concílio da Igreja da IPB que deliberou, em março de 2022, sobre a excomunhão de uma membra da igreja por ela ter “pensamentos esquerdistas”.

Para piorar, segundo reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, fartamente replicada por outros veículos de comunicação, a igreja tem se “movimentado para impedir adesão de seus seguidores a candidatos alinhados à esquerda, visando afastar a nefasta influência do pensamento comunista” de seu ambiente. Pelo que acompanhei, a ideia é criar uma espécie

de Tribunal da Santa Inquisição para caçar fiéis “esquerdistas/comunistas”.

Está tudo errado!

Essa postura não se sustenta sob o ponto de vista lógico, ontológico, teológico e, fundamentalmente, cristão, seja por estar assentada em teorias da conspiração e *fake news*, seja por estar alicerçada em todo o lixo teórico produzido pela extrema direita norte-americana, classista, racista, xenófoba e nazifascista, com valores diametralmente opostos ao evangelho de Cristo.

Faço, então, algumas perguntas aos leitores: seria necessário repetir para os catedráticos presbíteros da cúpula da IPB, todos eles com a formação mencionada anteriormente, que nunca houve comunismo no Brasil e que há diferenças conceituais entre socialismo e comunismo? Que partidos de esquerda não são um todo homogêneo, havendo diversas correntes internas, até mesmo liberais em alguns deles?

Seria o caso de explicar aos doutos pastores que não existe ideologia de gênero e que as pautas relacionadas ao aborto e às demais ações afirmativas são pautas de setores da sociedade e não de um partido político especificamente, visto que não é o partido que cria e impõe as pautas, mas apenas as recebe e passa a discuti-las?

Creio que, considerando o contexto apresentando, a resposta a essas perguntas é uma só: não. Eles já sabem de tudo isso. Como dito, dada sua formação, é impossível atribuir-lhes ignorância, inocência ou desinformação.

Do ponto de vista teológico, jamais Cristo expulsaria alguém de seu convívio por pensamento divergente – ele exortaria, amaria, perdoaria essa pessoa, renovando sua mente. Cristo nunca selecionou pessoas em razão de sua classe, privilégios, qualidade ou títulos. Ele dialogou com publicanos, prostitutas e pobres, bebendo e comendo com eles. Ele também nunca quis saber do poder de Roma, deixando claro que o que era de César a ele deveria ser dado. Acredito que essa também deveria ser a postura dos pastores, espelhando-se em Cristo.

Do ponto de vista acadêmico/filosófico, essas figuras deveriam agir como Paulo, que debateu de igual para igual com os filósofos epicureus em Atenas, discutindo teoricamente com eles, apresentando a sua cosmovisão, a sua filosofia e usando demonstração e persuasão.

Essa deveria ser a atitude desses líderes perante a situação que temos agora, afinal, se o comunismo é nefasto, seus defensores deveriam ser encarados e convencidos ou educados pela Palavra, caso ela representasse o bem maior. Mas tudo indica que é mais fácil expulsar um(a) membro(a) da igreja do que fazer isso.

O método maiêutico dá muito trabalho e requer muito amor e paciência, porém, acredito que esse não é o único motivo de sua não aplicação. Expulsar os “comunistas/esquerdistas” da igreja agradaria o então presidente Bolsonaro, mostraria fidelidade à causa nazifascista em curso no país, que tem sido tratada como “a mais santa de todas as causas” por muitos pastores presbiterianos.

Portanto, a excomunhão de membros e a tentativa de criação de um Tribunal da Santa Inquisição para perseguir aqueles que, na cabeça olavizada de alguns pastores, são comunistas, não é uma questão teológica ou de regras eclesiais, mas, sim, uma questão política, da pior espécie, pois trata-se de subserviência aos donos do poder. Isso é opróbrio para o evangelho.

Diante do exposto, a resposta da pergunta formulada no início deste texto é a seguinte: o apoio de pastores presbiterianos, de parte deles pelo menos, ao ex-presidente Jair Bolsonaro, por duas vezes, se deu única e exclusivamente por vaidade e apego ao poder, visto que, repito, não se pode falar em falta de preparo teológico, histórico, cultural, político por parte deles.

Por isso, finalizo esta reflexão com o texto do profeta Ezequiel, cujo capítulo 34:2 revela: “ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos”. Mas não devem os pastores apascentar as ovelhas? Pelo novo evangelho bolsonariano dos pastores da IPB, NÃO. Deve-se expulsá-las, excomungá-las.

A HIPOCRISIA DA BABY DO BRASIL

A cantora Baby do Brasil polemizou ao realizar uma pregação de cunho escatológico em pleno Carnaval de Salvador. Segundo ela, o Apocalipse ocorrerá em um período de cinco a dez anos.

Para além das interpretações e correntes teológicas sobre o Apocalipse, quero destacar aqui a hipocrisia da cantora. A atitude dela evidencia o perfil de um novo tipo de evangélico no Brasil. Trata-se do evangélico “*freestyle*” que, geralmente, contraria tudo o que o próprio Evangelho diz.

Os cristãos evangélicos, por décadas, se comportaram de forma a separar rigidamente o sagrado do profano. Era uma marca de distinção social da qual se orgulhavam. A lógica era: uma vez convertido ao Cristianismo, dever-se-ia adotar um estilo de vida devoto, recatado, disciplinado e apartado de toda a mundanidade.

Isto significava dizer que se o novo convertido exercesse alguma atividade profissional que fosse de encontro ao que a doutrina cristã pregasse, ele teria que abandonar tal profissão. No caso dos(as) cantores(as) da noite, cujo repertório é 100% composto por músicas seculares, ele(a) teria que abandonar totalmente o ambiente mundano.

Entretanto, ainda poderia continuar como cantor(a). Todavia, teria que se dedicar exclusivamente às músicas cristãs, mais tarde denominadas de músicas gospel. Ocorre que nem sempre foi fácil fazer essa migração de estilos, principalmente, para aqueles convertidos famosos e com altos cachês. Neste âmbito, novos arranjos foram sendo feitos.

Na verdade, a palavra “gospel” se tornou um guarda-chuva para abrigar todo tipo de estilo musical sem entrar em conflito com as rígidas regras da doutrina cristã. Neste contexto, passou-se a ter pagode gospel, funk gospel, rock gospel, forró gospel, dance gospel etc. A permissão destes estilos musicais dentro das igrejas foi um claro movimento de afrouxamento da dura distinção social dada pela separação entre o sagrado e o profano.

Esta nova dinâmica, menos dura e mais fluida, criou um mercado fonográfico poderoso, principalmente, a partir da década de 1990. Muita gente ficou milionária com a produção de CDs, DVDs, shows, programas de TV etc. Este novo mercado atraiu mais gente do meio artístico, fazendo da “conversão” apenas um mero detalhe.

Certamente, deve haver casos de conversões genuínas neste segmento de música gospel. Afinal, há cantores e cantoras que abandonaram totalmente o estilo de música secular que faziam e passaram a se dedicar exclusivamente à música cristã.

Todavia, há muita gente que já andava em baixa no segmento musical secular e que viu na “conversão” uma forma de adentrar em um amplo e milionário mercado. Para estes(as) foi bom demais, pois continuaram a fazer o que gostavam, ganhando muito dinheiro, só que agora com a etiqueta de evangélico/gospel.

O caso da Baby do Brasil é o exemplo perfeito do que estou descrevendo. Ela se converteu, mas continuou fazendo o seu “Carnavalzinho” todo ano e, certamente, recebendo um alto cachê por isto.

Neste ponto surge uma indagação inevitável caro(a) leitor(a). Vejamos: o Carnaval não é considerado pelos evangélicos como uma festa pagã? A festa da carne, como eles(as) costumemente a definem? Então, que diabos a “pastora” Baby do Brasil está fazendo lá e ainda recebendo por isto? A resposta é uma só: hipocrisia.

Eu, sinceramente, não vejo problema em cantar e tocar no Carnaval, ainda mais recebendo um cachê. Cada um vive a vida do jeito que quiser, desde que arcando com as consequências de suas próprias escolhas. O problema é fazer proselitismo religioso em plena “festa de Dionísio”. É mais que uma contradição. É hipocrisia pura.

A “SOLUÇÃO FINAL” DE ISRAEL

O presidente Lula declarou, por duas vezes, que Israel está cometendo genocídio contra o povo palestino. Ele está correto. É genocídio mesmo. Uma espécie de “solução final”, aplicada por Israel. Por que afirmo isto? Vamos analisar alguns pontos importantes. Vejamos, primeiramente, a definição de genocídio dada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

De acordo com a definição da ONU, genocídio significa: “crime contra a humanidade, que consiste em matar membros de grupos étnicos, causar graves lesões à sua integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte; adotar medidas que visem evitar nascimentos no seio do grupo; realizar a transferência forçada de crianças de um grupo para outro”.

É importante atentarmos para as últimas linhas desta definição: “adotar medidas que visem evitar nascimentos no seio do grupo e realizar a transferência forçada de crianças de um grupo para outro”.

Pergunto ao(à) nobre leitor(a): assassinar deliberadamente mulheres não é justamente cuidar para que não haja nascimento no seio do grupo? E, ainda, determinar o deslocamento da população de uma parte do território para outra não é “realizar transferência forçada”?

Pelo que temos acompanhado, por diversos meios de comunicação nacional e internacional, é exatamente isto que está ocorrendo na região da Palestina. Israel está se enquadrando de forma literal na definição de genocídio da ONU.

O segundo ponto a ser considerado, e que todos já sabem, é sobre a desarticulação de grupos e células terroristas por meio de serviços de inteligência. Neste campo, poucos países do mundo possuem tanta expertise como Israel. Afinal, eles possuem tecnologia de ponta e recursos financeiros abundantes para realizar grandes operações de inteligência.

O terceiro ponto a ser considerado é que, ainda que Israel tenha direito a defesa, já excedeu toda a razoabilidade e a

proporcionalidade do uso da força nesta ação. O “inimigo” já foi dominado, na verdade, já foi destruído. Portanto, é preciso parar com os ataques, pois eles já não são mais ataques, mas, sim, verdadeiros massacres.

Por fim, o quarto ponto é sobre a legitimidade da reivindicação de Israel sobre o território da Palestina. Ora, a terra também não era deles. O antigo território de Canaã foi tomado de outros povos que ali já habitavam. A comprovação histórica da tomada deste território está no próprio Pentateuco. A terra não pertencia a Israel.

Em tempos imemoriais, o Deus de Israel ordenou o massacre de todos os povos daquela região para que se cumprisse a promessa que ele fez a Abraão, Isaac e Jacó, de que aquelas terras seriam de Israel por promessa.

Dentre outras coisas, é nesta narrativa pretérita de promessas que o Sionismo se baseia. Na ideia de povo eleito de Deus. O problema é que isto já mudou há mais de dois mil anos. Um judeu chamado Jesus, nascido na Palestina, propôs um novo concerto com a humanidade. Qual? O da salvação pela graça.

Assim diz o texto do novo acordo: “porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie [...]” Efésios 2:8-9. Isto significa dizer que o judeu sionista ou não terá que ser alcançado pela graça divina, tal qual o seu primo palestino, eu e você. Não há privilégio divino nenhum para Israel em termos de salvação.

Portanto, Israel não tem nem mais nem menos direito sobre qualquer território, nem mesmo sobre ninguém. É lamentável que esteja aplicando “a solução final” sobre os palestinos, algo que, em um passado recente, foi aplicado contra eles mesmos. De fato, não aprenderam nada com a história.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. Coimbra: CES/Almedina, 2013.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: Rumo a outra modernidade*. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BÍBLIA, N. T. Efésios. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Atos. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Mateus. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. João. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Romanos. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. 1ª João. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Colossenses. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Tiago. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, N. T. Romanos. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. 1ª Reis. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. Jó. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. Jeremias. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. Provérbios. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. Isaías. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

BÍBLIA, V. T. Ezequiel. *In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.*

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.*

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004.*

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.*

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

Igrejas cresceram 325% em Manaus (AM) nos últimos anos. Disponível em: <https://www.searaneWS.com.br/igrejas-cres->

ceram-325-em-manaus-am-nos-ultimos-anos/. Acesso em: 12 jun. 2022.

Igreja Presbiteriana do Brasil tenta barrar esquerda e abre púlpitos para Bolsonaro. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/igreja-presbiteriana-tenta-barrar-alinhados-a-esquerda=-e-abre-pulpitos-para-bolsonaro-veja-video/?srsltid=AfmBOoqlctq8KppXVzna4HdtJynMHX5axB3_n7qeT5m-kTzyk0g6mWtv. Acesso em: 22 jun. 2023.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo Gomes de Deus. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manifesto do partido comunista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 8ª Ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1994.



**ALDENOR DA SILVA
FERREIRA**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Lagoa do Sino. Articulista do BNC/Amazonas.

O que é o efeito Bolsonaro? O efeito Bolsonaro é a banalização do mal, o culto à violência e à intolerância, bem como o desprezo pela vida. Como um câncer em metástase, este efeito penetrou em todos os segmentos da sociedade brasileira, criando uma atmosfera de ódio e de fomento ao confronto. Não há uma única instituição desta terra invadida por Cabral que não tenha sido afetada pelo efeito Bolsonaro. Desde a empresa, passando pela escola, pela universidade, pela família, pela igreja, pelo clube, pelo sindicato, pelo partido político, pela imprensa, enfim, por todos os lugares há situações de conflitos e desavenças, discórdias e divisões.

